



XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

Desafios da Gestão Universitária no Século XXI

Mar del Plata – Argentina

2, 3 e 4 de dezembro de 2015

ISBN: 978-85-68618-01-1

UNIVERSIDADE “TOP10”: DESAFIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PELA A ÓTICA DA INTERNACIONALIZAÇÃO

HELENA MARIA CHAVES BOAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

helena.boal@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de avaliar a influência dos rankings da educação superior na visibilidade das universidades brasileiras, pela ótica da internacionalização. O método de amostragem utilizado foi não probabilístico, por julgamento. Foram escolhidas as universidades brasileiras que ocupam os dez primeiros lugares gerais no Ranking Universitário Folha (RUF) 2014. Foi realizado um levantamento bibliográfico e documental em publicações nacionais e internacionais, com o objetivo de: a) analisar as ações de fomento à internacionalização planejadas nos PDIs das universidades que compõem a amostra, b) analisar as ações executadas de fomento à internacionalização das universidades brasileiras que compõem a amostra; e, c) analisar o posicionamento das universidades brasileiras que compõem a amostra no *The Times Higher Education World University Ranking 2014* e compará-las às universidades “TOP10” internacionais, de acordo com os indicadores de nota geral e internacionalização. Ao final deste artigo será possível identificar algumas ações necessárias para melhorar a visibilidade nacional e internacional das universidades brasileiras, no que diz respeito ao processo de internacionalização

PALAVRAS-CHAVE: Universidade. Ranking Universitário. Internacionalização. Planejamento Estratégico.

1. A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

A internacionalização e a globalização são realidades que atingem os setores econômicos, sociais e educacionais de todos os países do mundo. Nas universidades, por sua vez, estimula-se, além desses aspectos, a mobilidade e a cooperação internacional com vistas à preparação dos futuros profissionais, desenvolvendo nos mesmos uma visão global e preparando-os para atuarem em mercados mundiais.

Alguns autores, como Gacel-Avila (2003), entendem a internacionalização da educação superior como um processo contínuo educativo, contra hegemônico, que ocorre em um contexto internacional de conhecimento, onde as universidades são vistas como um subsistema, uma parte de um mundo mais amplo e inclusivo.

Através da internacionalização da educação superior é que se pode aumentar as chances de estudantes passarem a ter não somente uma visão de mundo globalmente interconectado mas ampliam-se as possibilidades de que eles passem a valorizar a diversidade entre as comunidades e sociedades. É através dessa diversidade de ideias, perspectivas e maneiras de ser que são estimuladas as discussões sobre fronteiras e compreensão intercultural, bem como a busca de soluções mais matizadas para os problemas de um mundo em mudanças. (DAVIDSON, 2014)

Segundo Gonçalves e Stalliveri, ambientes multiculturais ou pluriculturais, formados por pessoas de diferentes raças, nacionalidades, religiões e, obviamente, multilíngues ou plurilíngues, fazem parte de uma nova realidade. Realidade essa cada vez mais próxima e que passa a fazer parte de um novo universo, seja ele no âmbito profissional, seja no acadêmico ou social. Transitar e conviver confortavelmente com cidadãos que falam outras línguas e que originam de diferentes culturas é uma característica cada vez mais valorizada e deve ser pensada como parte integrante dos diferentes ambientes de ensino e das diferentes formas de ensinar (GONÇALVES e STALLIVIERI, 2014).

Cada vez mais, foca-se na necessidade de formar cidadãos para um mundo globalizado e interconectado, no qual os professores devem orientar a formação de seus estudantes para o “pensar” e para o “agir” global. No entanto, deve-se ter presente que "global" não tem o mesmo significado que "internacional", conforme afirma Stanley Katz. Para o autor, internacionalizar o currículo significa ensinar o aluno a pensar sob diferentes perspectivas, aprender línguas e culturas estrangeiras, e fazê-lo sob uma perspectiva que promova a educação para toda a vida. (KATZ, 2014)

De acordo com Jane Knight e Hans de Wit, no texto “Strategies for Internationalization of Higher Education: Historical and Conceptual Perspectives”, apesar de existir desde a Idade Média, quando as pessoas que buscavam conhecimento saíam de seus países e iam estudar onde havia disponibilidade, a internacionalização ganhou o interesse das Universidades há pouco tempo - especialmente após a II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos e a então União Soviética determinaram políticas claras para promover a troca educacional e a cooperação, com o objetivo de manter e expandir sua influência. (KNIGHT e DE WIT, 2007)

Stalliveri também alerta para o fato de que diante do acelerado processo de internacionalização, percebido nas duas últimas décadas, mais efetivamente nos níveis científicos e tecnológico, as universidades passam a buscar o seu espaço diante de um novo panorama que se apresenta. Trata-se de uma questão de sobrevivência, ou seja, é necessário internacionalizar para poder competir em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras. (STALLIVIERI, 2009)

Assim, para acompanhar esse processo global, as Instituições de Ensino Superior (IES) passaram a inserir, em suas políticas e estratégias de desenvolvimento institucional, a internacionalização e a potencialização da cooperação acadêmica internacional, em busca de

indicadores de excelência e reconhecimento disseminado, fortemente, através dos resultados obtidos nos rankings acadêmicos nacionais e internacionais.

2. OS RANKINGS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Atualmente inúmeros rankings internacionais monitoram os movimentos da educação superior, dentre os quais: o Academic Ranking of World Universities (ARWU), o Times Higher Education (THE)/Thomson Reuters World University Ranking e o QS World University Rankings-Top Universities-QS.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) através de diferentes instrumentos, avalia, acompanha, orienta e assegura que as Instituições de Ensino Superior estejam cientes da sua responsabilidade de oferecerem programas educacionais de qualidade. Para a pós-graduação, por exemplo, o Ministério da Educação, através de sua instituição de fomento à pesquisa, a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), acompanha a qualidade dos cursos oferecidos e recomenda que a obtenção da pontuação mais elevada, só será atingida se observados os critérios de internacionalização.

Outra pesquisa que vem adquirindo prestígio é a realizada pela Folha de São Paulo, que avalia e classifica, em um ranking chamado Ranking Universitário Folha (RUF), as 192 universidades brasileiras, públicas e privadas, a partir de cinco indicadores: pesquisa, internacionalização, inovação, ensino e mercado.

Os dados que compõem os indicadores de avaliação do RUF são coletados por uma equipe da Folha em bases de patentes brasileiras, em bases de periódicos científicos, em bases do Ministério da Educação e em pesquisas nacionais de opinião feitas pelo Datafolha. O RUF é uma avaliação anual do Ensino Superior do Brasil feito desde 2012.

Os temas internacionalização e pesquisa científica estão fortemente presentes e adquirindo cada vez mais espaço nos rankings.

Neste estudo, serão utilizados o Ranking Universitário Folha e o The Times Higher Education World University Ranking.

2.1. O RANKING NACIONAL RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA (RUF)

O RUF (Ranking Universitário Folha) é uma avaliação anual do ensino superior do Brasil feita pela Folha desde 2012.

No ranking de universidades estão classificadas as 192 universidades brasileiras, públicas e privadas, a partir de cinco indicadores: pesquisa, internacionalização, inovação, ensino e mercado. Os dados que compõem os indicadores de avaliação do RUF são coletados por uma equipe da Folha em bases de patentes brasileiras, em bases de periódicos científicos, em bases do MEC e em pesquisas nacionais de opinião feitas pelo Datafolha¹.

Para compor a amostra, foram consideradas as universidades brasileiras que ocupam os dez primeiros lugares (TOP10) no RUF 2014², segundo a nota geral, conforme ilustra a tabela 01.

¹ O Datafolha é um instituto de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas coligadas do qual o jornal Folha de São Paulo faz parte. Foi fundado em 1983, como departamento de pesquisas da Empresa Folha da Manhã. O Datafolha se estabeleceu com estrutura independente para atender a clientes externos em 1990 e em 1995, foi transformado em unidade de negócios do Grupo Folha. O Datafolha realiza levantamentos estatísticos, pesquisas eleitorais, de opinião e de mercado, atendendo ao próprio Grupo Folha e a clientes externos. O instituto não faz pesquisas eleitorais e avaliações de administrações públicas exclusivas para governos, partidos, candidatos e políticos.

² As informações da avaliação de 2014 estão disponíveis em <http://ruf.folha.uol.com.br/2014/>

Tabela 01: Universidades Brasileiras TOP10 no RUF 2014

Colocação	UNIVERSIDADE	NOTA
1ª	USP	97,00
2ª	UFMG	96,55
3ª	UFRJ	96,53
4ª	UFRGS	95,87
5ª	UNICAMP	95,23
6ª	UNESP	93,17
7ª	UFSC	91,79
8ª	UNB	91,09
9ª	UFPR	91,01
10ª	UFSCAR	89,54

Fonte: Ranking Universitário Folha (RUF) 2014

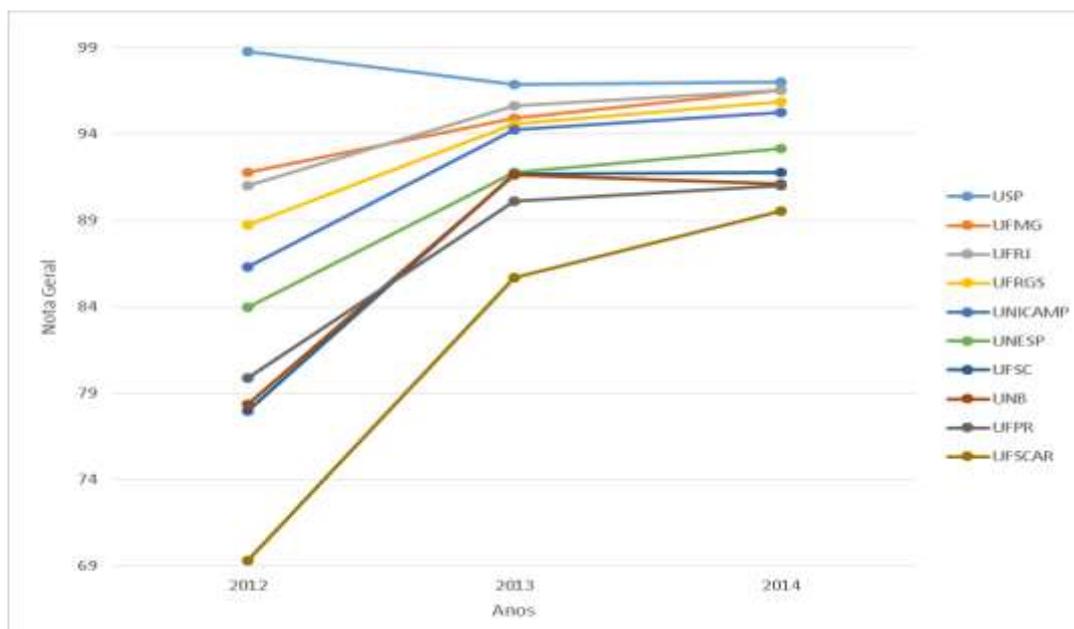
A primeira colocada no ranking 2014 é a Universidade de São Paulo (USP). É uma universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo, ligada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Além ocupar a primeira colocação no RUF 2014, a USP também figura entre as 100 melhores universidades do mundo em 21 áreas de concentração, segundo o QS World University Rankings 2014 e é considerada uma das 60 melhores universidades de acordo com o World Reputation Ranking do The Times Higher Education Ranking 2014.

Porém, foi em 2012 que a USP recebeu a maior nota geral do RUF: 98,78. Em 2013, a nota geral foi 96,89. Sempre ocupando o primeiro lugar.

As demais colocações no RUF oscilaram entre as universidades da amostra, considerando os anos 2012, 2013 e 2014.

Para melhor análise dessas oscilações, foi gerado o gráfico 01 que apresenta o comparativo das notas gerais das universidades TOP10, com base nos dados de 2012, 2013 e 2014.

Grafico 01: Notas gerais das universidades TOP10 do RUF 2014, nos anos 2012, 2013 e 2014.



Fonte: Ranking Universitário Folha (RUF) 2012, 2013 e 2014

Percebe-se que a UFSCar se destaca pela elevação de mais de 15 pontos em sua nota geral. Outra observação que merece destaque é que a nota das universidades TOP10 de 2014 cresceu ou se manteve desde 2012, exceto a da UNB.

Como este estudo propõe, foram realizados também os comparativos dos indicadores de internacionalização nos anos de 2013 e 2014.

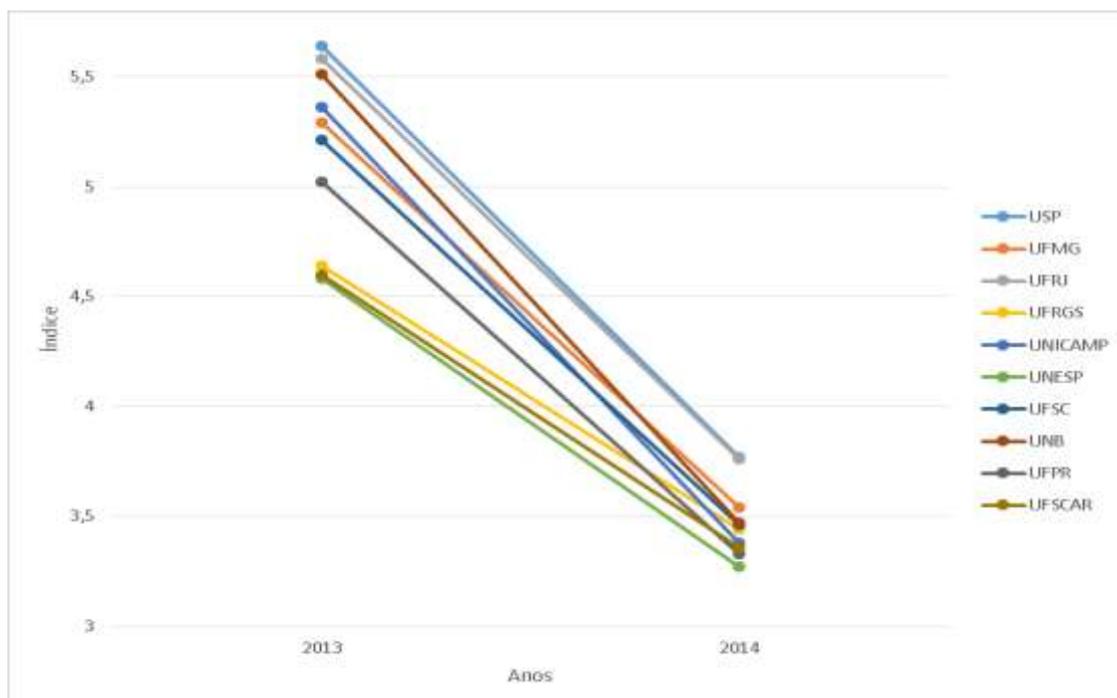
2.1.1. O INDICADOR DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO RUF

Os fatores que compõem o indicador de internacionalização do RUF são:

1. Citações internacionais por docente: quantidade de citações aos trabalhos da universidade feitas em artigos de grupos de pesquisa internacionais em relação ao número de docentes da mesma instituição.
2. Proporção de publicações em coautoria internacional: percentual de publicações feitas em parceria com pesquisadores estrangeiros em relação ao total de publicações da instituição.

O gráfico 04 ilustra a situação das universidades da amostra.

Gráfico 03: Índice de internacionalização das universidades TOP10 do RUF 2014, nos anos 2013 e 2014



Fonte: Ranking Universitário Folha (RUF) 2013 e 2014

Quanto a internacionalização, percebe-se que todas as TOP10 tiveram uma queda significativa em seus indicadores.

2.2. O RANKING THE TIMES HIGHER EDUCATION WORLD UNIVERSITY (THE)

O ranking internacional *The Times Higher Education World University Ranking* (THE) identifica as melhores universidades mundiais e é a única tabela internacional de desempenho para avaliar universidades de classe mundial em todas as suas missões fundamentais - ensino, pesquisa, transferência de conhecimento e perspectiva internacional. São 13 indicadores de desempenho cuidadosamente pesquisados para fornecer as mais abrangentes e equilibradas comparações disponíveis e confiáveis por estudantes, acadêmicos, líderes universitários, indústria e governos.

As universidades “TOP10” deste ranking são: California Institute of Technology (Estados Unidos), Harvard University (Estados Unidos), University of Oxford (Reino Unido), Stanford University (Estados Unidos), University of Cambridge (Reino Unido), Massachusetts Institute of Technology – MIT (Estados Unidos), Princeton University (Estados Unidos), University of California, Berkeley (Estados Unidos), Imperial College London (Reino Unido) e Yale University (Estados Unidos). Figuras apenas duas universidades brasileiras neste ranking: a USP, entre a 201ª e a 225ª posição e a UNICAMP, entre a 301ª e a 350ª posição.

Algumas universidades podem ter sido excluídas deste ranking caso a sua produção de pesquisa seja menor que 200 artigos por ano.

2.2.1. O INDICADOR DE INTERNACIONALIZAÇÃO (INTERNATIONAL OUTLOOK) DO THE

A diversidade no campus e em que grau os acadêmicos colaboram com colegas internacionais em projetos de pesquisa são os objetivos do indicador de internacionalização do *The Times Higher Education World University Ranking*.

Os fatores que compõem o indicador “international outlook” são:

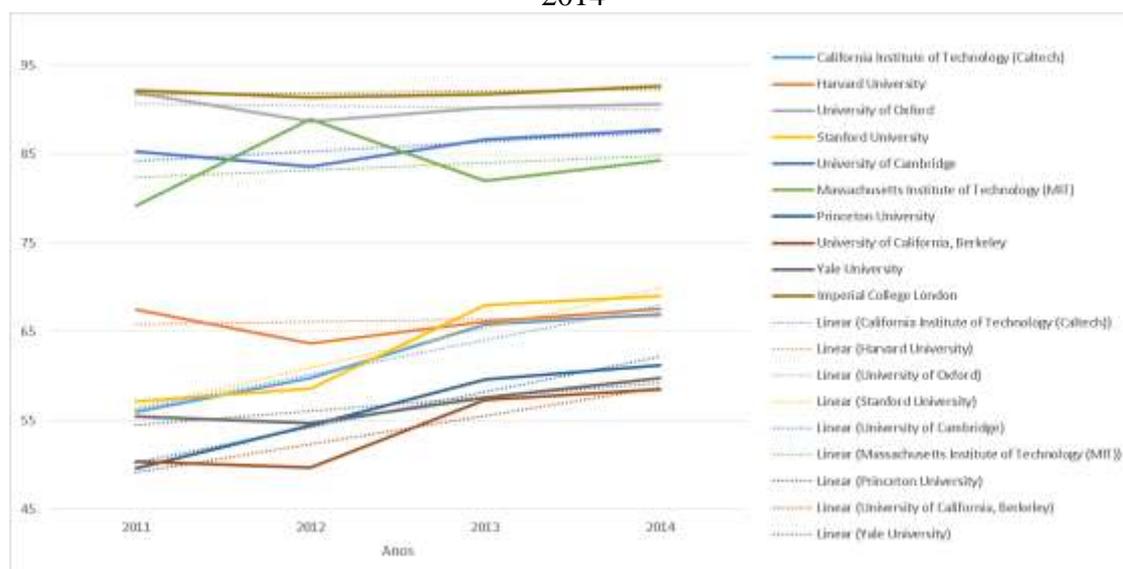
1. Pessoas: relação entre a quantidade de estudantes internacionais e de estudantes nacionais e a relação de professores internacionais e de professores domésticos.

2. Citações: total de publicações em revistas de pesquisa de uma universidade que têm pelo menos um co-autor internacional.

Diferentemente do RUF, o THE considera a quantidade de estudantes e docentes internacionais presentes nas universidades avaliadas, o que remete a uma das características do processo de internacionalização das IES: a mobilidade acadêmica.

Foram construídos os gráficos 06 e 07 com o objetivo de avaliar de forma temporal o comportamento desses indicadores ao longo dos anos 2011, 2012, 2013 e 2014, das universidades internacionais TOP10 e das duas universidades brasileiras que figuram no ranking, respectivamente. Para facilitar a análise, foram adicionadas linhas de tendência.

Gráfico 06: Índice de Internacionalização (International Outlook) das universidades TOP10 do *The Times Higher Education World University Ranking 2014*, nos anos 2011, 2012, 2013 e 2014

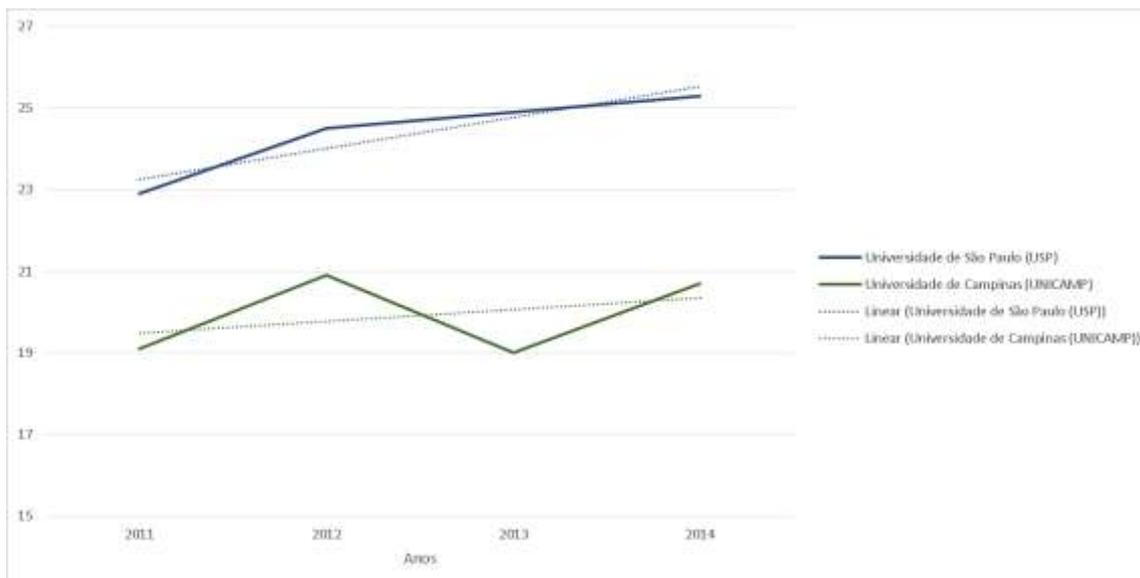


Fonte: *The Times Higher Education World University Ranking*. 2011, 2012, 2013 e 2014

Observando o gráfico 06, percebe-se que a única linha pontilhada negativa é a da Universidade de Oxford, indicando uma tendência de diminuição da nota dada ao indicador de internacionalização, sugerindo atenção às ações previstas e realizadas dessa universidade quanto a seu processo de internacionalização.

No gráfico 07, que contempla o comportamento dos indicadores de internacionalização das universidades brasileiras USP e UNICAMP, é possível identificar uma tendência positiva, o que pode possivelmente ratificar que ambas estão gerando resultados crescente quanto à mobilidade acadêmica e citações internacionais.

Gráfico 07: Índice de Internacionalização das universidades brasileiras que figuram no *The Times Higher Education World University Ranking 2014*, nos anos 2011, 2012, 2013 e 2014



Fonte: *The Times Higher Education World University Ranking*. 2011, 2012, 2013 e 2014

Assim, analisando os resultados dos rankings nacionais e internacionais, é interessante analisar o planejamento e a execução das ações de fomento ao processo de internacionalização das universidades da amostra, elencados em seus PDIs e Relatórios de Autoavaliação Institucional.

3. AÇÕES DE FOMENTO PLANEJADAS PELAS UNIVERSIDADES TOP10

Segundo Pereira (2010), “são vários os estudos que comprovam que o planejamento estratégico é a ferramenta gerencial mais utilizada pelas organizações” (pag 44). Para esse mesmo autor, planejamento estratégico é “um processo que consiste na análise sistemática dos pontos fortes (competências) e fracos (incompetências ou possibilidades de melhorias) da organização, e das análises externas, com o objetivo de formular (formar) estratégias e ações estratégicas com o intuito de aumentar a competitividade e seu grau de resolutividade.” (pag 47).

No ambiente da gestão universitária, o Plano Estratégico é o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

O Ministério da Educação (MEC) disponibiliza em seu *site* na *internet* uma página que conceitua o PDI como um documento em que se definem a missão e as estratégias para atingir as metas e objetivos da instituição de ensino superior.

O PDI normalmente abrange um período de cinco anos e deve conter cronograma, metodologia de implementação, objetivos, metas e ações das Instituições de Ensino Superior, sob a ótica de três grandes eixos: Dimensões, Categorias de Análise e Indicadores. (http://www2.mec.gov.br/sapiens/Form_PDI.htm)

Assim, para analisar as ações de fomento à internacionalização planejadas pelas universidades da amostra, foi realizada uma pesquisa documental, tendo por base os PDIs das mesmas, disponibilizados nos sites de cada instituição.

4. AÇÕES DE FOMENTO REALIZADAS PELAS UNIVERSIDADES TOP10

Para Hrebiniak (2006), executar a estratégia é tão importante quanto concebê-la. Para o autor, a execução da estratégia “representa um processo disciplinado ou um conjunto lógico de atividades conectadas que permite que uma organização utilize uma estratégia e a faça funcionar”. Assim, entende-se que a execução e o planejamento são interdependentes, o que leva à necessidade preeminente acompanhar a execução, realizando avaliações sistemáticas e identificando o que foi cumprido, dificuldades encontradas, cronogramas e possível readequação de atividades.

No caso das IES, após a criação do PDI, é necessário realizar essa avaliação de forma contínua e interna, para que o que foi planejado seja executado. Essa avaliação é exigida pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

De acordo com o INEP³, o SINAES define uma avaliação institucional integrada por diversos instrumentos complementares: Autoavaliação, Avaliação Externa, Censo e Cadastro.

Cada instituição deve realizar uma autoavaliação, conduzida pela sua Comissão Permanente de Avaliação (CPA). A autoavaliação é um autoestudo que segue o “roteiro geral proposto em nível nacional, acrescido de indicadores específicos, projeto pedagógico, institucional, cadastro e censo” (INEP, 2015).

O relatório da autoavaliação deve conter todas as informações e demais elementos avaliativos constantes do roteiro comum de base nacional, análises qualitativas e ações de caráter administrativo, político, pedagógico e técnico-científico que a IES pretende empreender em decorrência do processo de autoavaliação, identificação dos meios e recursos necessários para a realização de melhorias, assim como uma avaliação dos acertos e equívocos do próprio processo de avaliação.

Então, para analisar as ações de fomento à pesquisa científica e à internacionalização executadas pelas universidades da amostra, foi realizada uma pesquisa documental, tendo por base os Relatórios de Autoavaliação Institucional dos últimos 3 anos, disponibilizados pelas mesmas, em seus *sites*.

5. CONCLUSÕES

Analisando os PDIs e os Relatórios de Autoavaliação Institucional das universidades que compõem a amostra, foi possível identificar alguns pontos onde é necessário ter bastante atenção: homogeneidade do processo de internacionalização em cada campus e em cada departamento da IES; burocracia na medida e apoio da gestão; quantidade suficiente de funcionários administrativos com domínio de outro idioma além do português; disponibilidade de informações sobre procedimentos de imigração, trâmites consulares, cambio e acolhimento de estrangeiros; apoio ao acolhimento e à permanência de alunos e professores estrangeiros; disciplinas ministradas em inglês; e o site da IES estar totalmente bilíngue (em português e inglês).

Há espaço ainda para aprofundar este estudo e criar um tipo “universidade brasileira internacionalizada” a partir das boas práticas das universidades TOP 10 dos rankings nacionais e internacionais, já que a internacionalização, como já foi conceituada, não pode ser medida apenas pelos números de mobilidade e citações em publicações científicas e sim por uma série de outros indicadores.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

DAVIDSON, Christina C. **MOOCs and the Promise of Internationalization**. The Chronicle of Higher Education. Disponível em: <http://chronicle.com/blogs/future/2014/01/29/moocs-and-the-promise-of-internationalization>. Acesso em: 14 mai. 2015.

GACEL-AVILA, J. **La internacionalización de la educación superior**. Mexico: Editorial CUCSH – Universidad de Guadalajara, 2003.

³ O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é “uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral”. (fonte: <http://portal.inep.gov.br/conheca-o-inep>).

GONÇALVES, Roberto B.; STALLIVIERI, Luciane. **Novas Propostas Pedagógicas para o Desenvolvimento de Disciplinas Ministradas em Línguas Estrangeiras em Salas de Aula Multiculturais**. RCA - Revista de Ciências da Administração da UFSC, Florianópolis, v.17, n.41, p.130-142, 2014.

FERNANDES, Mauricio F. **Planejamento Estratégico: teorias, modelos e processos**. São Paulo: Atlas, 2010.

HREBINIAK, L.G. **Fazendo a Estratégia Funcionar: o caminho para uma execução bem-sucedida**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

KNIGHT, J. DE WIT, H. **Strategies for Internationalization of Higher Education: Historical and Conceptual Perspectives**. Strategies for internationalisation of higher education: a Comparative Study of Australia, Canada, Europe and the United States of America. Amsterdam: European Association for International Education (EAIE) in cooperation with the Programme on Institutional Management in Higher Education (IMHE) of the Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD) and the Association of International Education Administrators (AIEA), pp. 5-32. (2007)

Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2017. USP. Disponível em: <http://sites.usp.br/gvr/wp-content/uploads/sites/17/2014/01/PDI-VIIEncontro.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2013-2017. UFMG. Disponível em: https://www.ufmg.br/conheca/pdi_ufmg.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2006. UFRJ. Disponível em: <http://www.ufrj.br/docs/PDI.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2011-2015. UFRGS. Disponível em: <file:///C:/Users/Helena%20Boal/Downloads/PDI%20-%202010%20-%20Dec493-2010-PDI.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2011-2015. UNICAMP. Disponível em: <http://siplanes.unicamp.br/planes/PlanejamentoEstrategico/AprovadoCONSU2012.pdf> Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2012. UNESP. Disponível em: <https://ape.unesp.br/pdi/execucao/index.php>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2014. UFSC. Disponível em: <http://pdi.ufsc.br/files/2014/10/PDI-2010-2014-Com-Capa-e-Indice.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2017. UNB. Disponível em: http://www.dpo.unb.br/documentos/PDI/PDI_2014-2017.pdf Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2016. UFPR. Disponível em: <http://www.proplan.ufpr.br/portal/pdi/PDI%20UFPR%202012-2016.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2013. UFSCar. Disponível em: <http://www.pdi.ufscar.br/>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015.

Relatório de Autoavaliação Institucional 2014 Ano-base 2013. UFRJ. Disponível em: <http://www.ufrj.br/docs/2014/UFRJ-CPA-2014.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2013 Ano-base 2012. UFRJ. Disponível em: <http://www.ufrj.br/docs/2013/UFRJ-CPA-2013.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2012 Ano-base 2011. UFRJ. Disponível em: <http://www.ufrj.br/docs/2013/UFRJ-CPA-2012.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2013-2015. UFMG. Disponível em: https://www.ufmg.br/dai/textos/2013_2015.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2011. UFSCar. Disponível em: <http://www.cpa.ufscar.br/relatorio-de-autoavaliacao-institucional-cpa-ufscar-2011>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2012. UFSCar. Disponível em: <http://www.cpa.ufscar.br/resultado-de-autoavaliacao-institucional-ufscar-2012>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2013. UFSCar. Disponível em: <http://www.cpa.ufscar.br/paginas-2013/relatorio-de-autoavaliacao-2013>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2014. UFSCar. Disponível em: <http://www.cpa.ufscar.br/documentos/resultados-da-autoavaliacao-2014/relatorio-de-autoavaliacao-2014>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2011. UFRGS. Disponível em: http://www.ufrgs.br/sai/arquivos-inicial/RelatriodeAutoavaliacaoInstitucionalano2011_VersoProvisoria.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2012. UFRGS. Disponível em: http://www.ufrgs.br/sai/arquivos-inicial/copy3_of_RelatriodeAutoavaliacaoInstitucionalano2012VersoFinal.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2005-2009. UNESP. Disponível em: http://www.unesp.br/cpa//mostra_arq_multi.php?arquivo=8256. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2014. UFSC. Disponível em: <http://cpa.ufsc.br/files/2014/09/RELAT%C3%93RIO-CPA-2014.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2013. UFSC. Disponível em: <http://cpa.ufsc.br/files/2014/09/RELATORIO CPA 2013 Revisado.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2012. UFSC. Disponível em: <http://cpa.ufsc.br/files/2014/09/Relatorio-de-Auto-Avaliacao-2012.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2011. UNB. Disponível em: http://www.dpo.unb.br/documentos/relatorio_autoavaliacao_2011.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2012. UNB. Disponível em: http://www.dpo.unb.br/documentos/relatorio_autoavaliacao_2012.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2013. UNB. Disponível em: http://www.dpo.unb.br/documentos/relatorio_autoavaliacao_2013.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2014. UNB. Disponível em: http://www.dpo.unb.br/documentos/relatorio_autoavaliacao_2014.pdf. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2014. UFPR. Disponível em: <http://www.cpa.ufpr.br/wp-content/uploads/2011/04/Relatorio-CPA-2014.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2013. UFPR. Disponível em: <http://www.cpa.ufpr.br/wp-content/uploads/2011/04/Relat%C3%B3rio-de-Autoavalia%C3%A7%C3%A3o-20131.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Relatório de Autoavaliação Institucional 2012. UFPR. Disponível em: <http://www.cpa.ufpr.br/wp-content/uploads/2011/04/RELATORIO-CPA-2012.pdf>. Último acesso em: 12 de agosto de 2015

Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Disponível em <http://portal.inep.gov.br/superior-sinaes-instrumentos>. Último acesso em 14 de agosto de 2015